

“Paciente terminal.”

E todo o Brasil em suspense já esperava o pior

O presidente eleito Tancredo Neves já era considerado um “paciente terminal” no sábado, depois de ter sido examinado pelo dr. Warren Zapol, um eminente especialista em problemas respiratórios do Hospital Geral de Massachusetts. Não havia mais nada a fazer, segundo ele. Tancredo não reagira ao tratamento intensivo que a equipe médica, chefiada pelo dr. Henrique Pinotti, desenvolvia há mais de uma semana.

Tancredo não respirava mais sem a ajuda das máquinas e o nível de oxigênio de seu sangue era cada vez mais baixo. Para agravar o quadro, os batimentos cardíacos baixaram ontem para 75 por minuto.

O último dia de grande esperança dos médicos de que Tancredo Neves pudesse recuperar-se aconteceu no sábado, dia 13 de abril, um dia após a sua sétima operação. Caso Tancredo Neves não voltasse a apresentar o quadro de toxemia — circulação de toxinas no sangue —, poderia iniciar um processo lento de melhora. A esperança ruiu do-

mingo, dia 14: uma nova crise toxêmica mostrou que as bactérias ainda estavam presentes e ativas, envenenando seu organismo.

O processo de toxemia, que matou o presidente, é provocado por toxinas liberadas por bactérias em circulação no sangue ou por tecidos necrosados. Ao se reproduzirem, elas liberam endotoxinas, que agredem as células de todo o organismo. Assim, pouco a pouco, os órgãos vitais ressentem-se da agressão e da morte de suas células, deixando de funcionar. Desenha-se, então, o quadro de falência de múltiplos órgãos, que é irreversível.

Primeiro, foi o pulmão de Tancredo Neves a se ressentir. A insuficiência pulmonar agravou ainda mais o quadro. O presidente recebia grandes concentrações de oxigênio nos pulmões. Esse oxigênio, no entanto, não era repassado para a corrente sanguínea e daí para as células. Com isso, ocorria a morte celular, já que o oxigênio é um elemento indispensável a sua dinâmica de vida.

Outra agravante é que o oxigênio, quando muito concentrado, torna-se tóxico, e faz com que se formem fibras, ou áreas de endurecimento, no tecido nobre do pulmão. Assim, enquanto as células morriam por falta de oxigênio, os pulmões morriam pelo excesso, que era insuflado por sofisticado maquinário do Instituto do Coração.

Depois do pulmão, houve a falência dos rins, que deixaram de filtrar os tóxicos do sangue do paciente. Elevaram-se as taxas de uréia, creatinina e potássio, e foi necessário que a equipe médica comesse a usar, quase que ininterruptamente, os processos de ultrafiltração e hemodiálise do sangue.

O órgão que continuava a resistir era o coração, e nele ainda residia o que restava da esperança dos médicos. Eles aguardavam que surgisse um medicamento, um mecanismo qualquer de auto defesa, um esboço de reação, ou que os antibióticos tivessem sua primeira vitória sobre as bactérias.

Para ganhar tempo, iniciaram um

processo de resfriamento do corpo do presidente, para diminuir, com isso, o ritmo de seu metabolismo. Mas, na quinta-feira, uma nova crise mostrou o pior: o coração do presidente ressentia-se fortemente de todas as agressões. Nesse dia, houve médicos que chegaram a abraçar familiares do presidente, num gesto de pêsames. Mas ele ainda resistiria por mais alguns dias, com o aumento da pressão do oxigênio, injetado sob forte pressão em seus pulmões.

A chegada do especialista norte-americano Warren Zapol reforçou o que a equipe brasileira já observava e temia: o organismo do presidente já não reagia mais aos tratamentos. Decidiram, então, levar até as últimas consequências as medidas que haviam iniciado, resfriando ainda mais o corpo e aumentando a pressão do oxigênio. Já sabiam, no entanto, que nada adiantaria. Tancredo Neves estava irremediavelmente condenado, e sua morte, às 22h23 minutos do dia de Tiradentes, já era uma certeza para todos.



A última foto de Tancredo. Era apenas uma tentativa de dizer que o presidente eleito estava bem. Mas no dia seguinte, 26 de março, veio a hemorragia e a viagem para São Paulo